

FICAR OU VOLTAR: O DILEMA CORNELIANO DA DIÁSPORA BURQUINENSE EM GANA

Serge Noel Ouedraogo¹
Boubacar Sambare²



Introdução

Gana é um dos principais destinos dos migrantes de Burkina Faso. A imigração para Gana surgiu e floresceu como resultado da combinação de causas estruturais e cíclicas. Razões políticas, econômicas e psicossociais, em vários níveis, governaram o início e a manutenção da migração de Burkina Faso para Gana³. Como resultado, há um grande número de burquinenses da diáspora vivendo no país. De acordo com fontes oficiais de Burkina Faso, há entre 1,5 e 3 milhões deles. Nos últimos anos, Burkina Faso adotou uma política nacional de migração (conhecida como estratégia nacional de migração) e criou um ministério responsável pelos burquinenses que vivem no exterior dentro de sua estrutura governamental, com o objetivo de proteger sua diáspora, envolvendo-a mais estreitamente no desenvolvimento do país e incentivando o retorno voluntário.

1 Departamento de História e Arqueologia, Universidade Joseph Ki-Zerbo. Ouagadougou, Burkina Faso. E-mail: sergenoel.ouedraogo@ujkz.bf. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6469-0436>.

2 Departamento de História, Universidade Nazi Boni. Bobo-Dioulasso, Burkina Faso. E-mail: sambareb@yahoo.fr. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2948-8321>.

3 Essas incluem, por exemplo, as diferenças no desenvolvimento econômico entre os dois territórios, a escassez de mão de obra e a busca de Gana por trabalhadores migrantes, a motivação dos jovens ou o incentivo para que os jovens realizem migrações temporárias, sazonais ou plurianuais.

Em Gana, essa política em relação à diáspora foi confrontada com os efeitos das expulsões de estrangeiros sem permissão de residência entre 1969 e 1971. Embora a diáspora burquinense em Gana achasse que estava bem integrada, as expulsões foram um choque para as famílias dos migrantes. Tendo escapado dessas expulsões por vários motivos, mesmo várias décadas depois, as famílias dos migrantes ainda vivem com um dilema: ficar em Gana ou voltar para Burkina Faso? Os fatores psicológicos e sociológicos desempenham um papel decisivo nos aspectos da migração que queremos estudar. Entendemos a família no sentido de um lar. Em outras palavras, um grupo formado por um homem e/ou sua esposa (esposas) e seus filhos. Nesse contexto, os membros de uma mesma família “reconhecem os laços de parentesco e casamento entre eles. Mas esses laços também definem relações econômicas (consumo, produção, administração do orçamento familiar), relações legais (por exemplo, herança) e relações hierárquicas (autoridade do chefe da família)” (Gruenais 1981, 3, tradução nossa⁴).

Portanto, estamos nos concentrando em vínculos baseados em relacionamentos do tipo conjugal e parental dentro de um grupo de indivíduos. Nas famílias de migrantes, as aspirações e decisões de “ficar, voltar ou se mudar” ocorrem tanto em nível coletivo quanto individual. Pesquisas e observações mostram que, nas famílias de migrantes burquinenses em Gana, a tendência geral é o dístico “ficar ou voltar”. Padrões distintos levam a essas duas ambições antinômicas em lógicas individuais ou coletivas interdependentes dentro das famílias. Diversos estudos foram realizados sobre a migração e a diáspora burquinense em Gana. Eles descrevem os caminhos percorridos e as redes migratórias exploradas (Rouch 1956, 33-196), a vida nos bairros de imigrantes em Acra (Schildkrout 1978, 303). Alguns autores analisaram a integração sociocultural (Tonah 2005, 331), econômica (Skinner 1965, 60-84) e legal (Ouedraogo 2019, 77-97) relativamente boa dos migrantes e seus descendentes. Isso abriu caminho para mudanças em sua identidade (Schildkrout 1975, 167-179) e para um afrouxamento mais ou menos importante de sua relação com Burkina Faso, seu país de origem (Koudougou 2011, 77-112). A questão da chefia das comunidades etno-diaspóricas também foi estudada (Schildkrout 2006, 587-601; Koudougou 2019, 77-112). No entanto, a migração de retorno

4 No original: “recognise the ties of kinship and marriage between them. But these ties also define economic relations (consumption, production, management of the family budget), legal relations (for example, inheritance) and hierarchical relations (authority of the head of the family)” (Gruenais 1981, 3).

e a chegada a Burkina Faso de descendentes de migrantes nascidos em Gana atraíram pouca atenção dos pesquisadores.

As informações foram coletadas por meio de entrevistas individuais e grupos focais. Essas fontes primárias foram obtidas de pessoas capacitadas de várias gerações e estratos socioprofissionais, levando em conta o gênero. Entre elas estavam imigrantes, migrantes que retornaram e líderes comunitários da diáspora, em quatorze localidades de Gana e seis de Burkina Faso. Nosso foco foram os chefes de família mais velhos, descendentes de migrantes, líderes comunitários da diáspora e funcionários consulares da embaixada de Burkina Faso em Acra e do consulado geral em Kumasi para obter uma melhor compreensão das aspirações de ficar, retornar ou continuar. Para isso, foram utilizados guias de entrevista com perguntas diretas e/ou semidiretivas. As intenções de retorno ou permanência foram medidas principalmente em pesquisas qualitativas. Também foi utilizada uma bibliografia de livros e artigos científicos sobre migração, integração e identidade. Com base nessa observação, este estudo tem como objetivo analisar mais detalhadamente como as famílias dos migrantes estão divididas entre o país anfitrião e o país de origem. Basicamente, questiona-se o seguinte: por que e como as famílias da diáspora de Burkina Faso em Gana expressam desejos e resoluções com o objetivo de permanecer em Gana ou voltar para Burkina Faso? A partir dessa pergunta principal de pesquisa, surgem as seguintes perguntas secundárias: Como o retorno é uma aspiração legítima e uma decisão familiar entre os migrantes burquinenses de primeira geração? Como a permanência é uma aspiração e uma decisão motivada pelo peso da família e pela reconstrução da identidade das novas gerações de migrantes?

Para este estudo, que está na confluência da pesquisa teórica e fundamental e do trabalho de campo, planeja-se primeiro traçar um quadro da imigração burquinense para Gana e os aspectos de suas famílias. Em seguida, examinar as aspirações e decisões de retorno das primeiras gerações de migrantes. Por fim, analisar o peso da reconstrução da família e da identidade nas intenções e resoluções de permanência das novas gerações de migrantes e dos descendentes dos migrantes.

Imigração burquinense para Gana e seus problemas familiares

As migrações de cidadãos de Burkina Faso para Gana têm uma dimensão familiar. Isso pode ser visto tanto na decisão de emigrar no país de partida quanto na organização da vida do imigrante no país anfitrião.

O contexto da imigração de Burkina Faso para Gana

A colonização europeia, do final do século XIX até a segunda metade do século XX, deu uma dimensão especial a essa imigração por meio da migração para escapar das restrições da colonização francesa e da migração de mão de obra. Além desses motivos políticos e econômicos, há também os psicossociais.

A migração para Gana é anterior à migração para a Costa do Marfim. Elas subsequentemente aumentaram antes de serem suplantadas pela última em termos de tamanho dos fluxos, graças ao “milagre econômico” da Costa do Marfim em meados da década de 1940. Outros grandes fluxos migratórios levaram alguns burquinenses para o Senegal, para o Sudão francês (atual Mali), para o Gabão, etc. Desde a independência de Gana (antiga Costa do Ouro), em 1957, e de Burkina Faso (antigo Alto Volta), em 1960, os fluxos migratórios continuaram por motivos essencialmente econômicos. Dependendo do período, os fluxos migratórios para Gana oscilam entre a reversibilidade e a irreversibilidade. A reversibilidade dos fluxos é refletida nas migrações circulares sazonais e plurianuais. A irreversibilidade está na raiz da formação e do crescimento da diáspora burquinense em Gana e/ou da comunidade ganense de origem burquinense. Gradualmente, portanto, durante os períodos colonial e pós-colonial, Gana tornou-se o lar de uma forte diáspora burquinense.

O fenômeno da migração estudado ocorre entre os territórios de Burkina Faso (antigo Alto Volta)⁵ e Gana (antiga Costa do Ouro)⁶. Ele foi acentuado durante a colonização francesa do Alto Volta e a colonização inglesa da Costa do Ouro, em um contexto de demanda e oferta de mão de obra em ambos os lados sob o efeito de repulsão-atração. Localizado ao sul de Burkina

5 O território da atual Burkina Faso era chamado de Alto Volta durante o domínio colonial francês, de 1 de março de 1919 a 5 de agosto de 1960. Em 2 de agosto de 1984, o Alto Volta tornou-se Burkina Faso.

6 Gana, anteriormente conhecida como Costa do Ouro, foi uma colônia britânica de 1874 a 6 de março de 1957.

Faso, Gana tem uma economia mais desenvolvida, com setores primários e secundários centrados na agricultura de *plantation* (principalmente cacau e café), extração de madeira e mineração (Ouedraogo 2017, 31). A agricultura tropical durante a estação chuvosa e a relativa ociosidade das populações rurais durante a longa estação seca motivaram a migração temporária de mão de obra (Ouedraogo 2017, 140-146) de Burkina Faso para Gana. A migração plurianual ou quase permanente levou a uma forte diáspora⁷.

As famílias geralmente influenciam as decisões de migração, pois os jovens migram em parte para adquirir o dinheiro necessário para pagar os impostos de capitação dos pais ou para aliviar os pais de suas preocupações materiais e financeiras. É assim que os pais os incentivam a emigrar temporariamente para trazer recursos de volta.

Principais características familiares da diáspora burquinense em Gana

Diversas características marcam as famílias de imigrantes na diáspora burquinense em Gana. Essas características são essencialmente perceptíveis em três aspectos: religião, regime matrimonial e a forma de organização das comunidades da etno-diáspora. A diáspora burquinense em Gana é altamente islamizada. Independentemente de os migrantes e seus descendentes serem muçulmanos de longa data ou recém-convertidos, o fato de pertencerem à comunidade muçulmana (“*ummah*”) promove sua integração sociocultural, principalmente nos bairros Zongo⁸. A conversão ao Islã também faz parte de uma estratégia de integração e não de uma convicção arraigada: “Os cristãos Mossi, em vez de suportar a intimidação zombeteira dos muçulmanos na costa, preferem, quando estão na Costa do Ouro, ficar do lado dos muçulmanos e seguir externamente os ritos islâmicos” (Rouch 1956, 167, tradução nossa⁹).

7 De acordo com o censo geral de população e moradia de Gana de 2010, são 30.664 indivíduos e, de acordo com fontes burquinenses, 9.609 registrados nos serviços consulares. Com o tempo, graças à integração, há mais ganenses de origem burquinense do que burquinenses em Gana.

8 O termo hauçá *zongo* originalmente se referia a lugares nos arredores de cidades ou vilarejos onde os comerciantes trans-saarianos descansavam seus camelos e realizavam seu comércio. Mais tarde, passou a se referir às áreas onde as comunidades estrangeiras compostas por migrantes dos países do Sahel e do norte do país se estabeleceram, em outras palavras, os bairros de estrangeiros localizados em áreas urbanas.

9 No original: “*The Christians Mossi, rather than putting up with the mocking bullying of the Muslims on the coast, prefer, when they are in the Gold Coast, to side with the Muslims and outwardly follow Islamic rites*” (Rouch 1956, 167).

Na diáspora burquinense, as famílias islamizadas geralmente são polígamas. Os maridos contraem várias uniões matrimoniais, muitas vezes diversificando as origens de suas esposas. Como resultado, há famílias de imigrantes de Burkina Faso que são fruto de casamentos intra ou intercomunitários. Alguns imigrantes que chegam a Gana jovens e solteiros usam uniões matrimoniais com cidadãos nacionais como parte de sua estratégia de integração. Na comunidade da diáspora, há famílias compostas por imigrantes burquinenses e cidadãos ganenses, enquanto outras foram formadas exclusivamente por imigrantes de origem burquinense.

A principal forma de estruturação da diáspora é a formação de comunidades etno-diaspóricas. Sob essa forma de organização, embora pertençam à diáspora burquinense, os indivíduos e as famílias são, antes de tudo, membros de seus grupos étnicos de origem, notadamente Mossi, Bissa, Fulbe, Bobo, etc. Dentro das comunidades etno-diaspóricas, lideradas por chefes, indivíduos de status, gênero e idade diferentes contribuem para a coabitação pacífica tanto dentro das comunidades quanto com outras comunidades. Sob a influência de suas famílias, os migrantes almejam e decidem ficar em Gana ou voltar para Burkina Faso e, mais raramente, buscar outros horizontes.

Retorno: uma aspiração e decisão “legítima” para as primeiras gerações de migrantes

Para as primeiras gerações de migrantes, retornar ao seu país de origem é uma aspiração profunda. A decisão de retornar é premeditada, desde o início da migração, e, às vezes, mantida à custa de muito esforço e, conseqüentemente, implementada.

Retorno: a essência da migração temporária

A migração de mão de obra é, na maioria das vezes, parte de fluxos migratórios reversíveis. Isso inclui as migrações sazonais e, acima de tudo, as migrações plurianuais. Elas são organizadas, se não endossadas, pelo próprio corpo social, que aloca uma parte de seus recursos humanos para a migração, enquanto a parte sedentária da população mantém e cultiva a região de origem (Domenach e Picouet 1987, 475-476). Nesse contexto, o desejo de voltar e a decisão de fazê-lo parecem óbvios. Os migrantes anteriores às expulsões de 1969-1971, apegados ao seu país de origem e aos parentes que lá viviam, sentem nostalgia de Burkina Faso. Além disso, eles temem as dolorosas expulsões das quais escaparam. Evocando a sabedoria

popular, “um tronco de árvore pode ter estado na água, mas nunca se tornará um crocodilo”¹⁰, eles afirmam que são burquinenses e para sempre, já que nunca poderão ser expulsos de lá. Portanto, eles planejam voltar um dia e estão ativos com essa intenção.

As atitudes não permitem que um chefe de família do sexo masculino retorne desacompanhado depois de passar um certo tempo fora do país. Sua aspiração e sua decisão de voltar para casa não podem ser solitárias. Seu provável retorno ao país só pode ser concomitante com o retorno de sua(s) esposa(s) e a chegada de seus filhos, principalmente os menores de idade. Os filhos adultos e, às vezes, os menores para os quais os pais encontraram um guardião, podem ficar em Gana por algum tempo ou para sempre. Portanto, as aspirações e decisões do chefe da família são mais ou menos aquelas, intrínsecas ou condicionadas, de praticamente toda a família.

Embora as mulheres evoquem mais ou menos sua vontade de voltar, elas reconhecem que as decisões do chefe da família são as delas. Nossos esforços para garantir que elas evocassem suas decisões soberanas foram em vão e, às vezes, irritantes. A viuvez de algumas mulheres acentua seu desejo de retornar. Esse desejo é ainda maior quando sua situação financeira e material, bem como a de seus filhos, é precária. Salimata¹¹ queria voltar para casa até sua morte recente. A decisão de retornar envolve consultas entre os migrantes e os membros de suas famílias. As pessoas mais difíceis de convencer não são as esposas dos migrantes, mas sim seus filhos. Binta acredita que “as mulheres não têm escolha, elas vivem onde os maridos querem que elas vivam”¹². O desejo do chefe da família de retornar provavelmente influenciará as decisões coletivas de retorno ou retornos em cascata.

No padrão de vida longa, ou seja, a ausência dos migrantes de seus locais de origem durante toda a vida profissional, geralmente entre 20 e 60 anos de idade (Chatelain 1963, 2), eles expressam suas aspirações de retorno fazendo economias ou investimentos em seu país de origem. Em alguns casos específicos, o retorno do pai e da mãe da família, devido à sua relutância, é longamente negociado por seus filhos que vivem em Burkina Faso com a intervenção de pessoas capacitadas. Isso confirma a ideia de que “é com dignidade que conseguimos sair, mas é graças à coragem que voltamos

¹⁰ Tradução nossa. No original “*a tree trunk may have been in water, but it will never become a crocodile*”.

¹¹ Entrevista realizada em 13 de agosto de 2011 em Alaba/Kumasi.

¹² Entrevista realizada em 31 de julho de 2014 em Ho zongo. Tradução nossa. No original: “*women have no choice, they live where their husbands want them to live*”.

para casa” (Camara 2018, 13, tradução nossa¹³). Outras razões motivam as aspirações e decisões de voltar.

Retornar para não se perder

A aspiração e a decisão de retornar para “não se perder” levantam questões sobre as causas psicossociais da migração. Portanto, elas dizem respeito tanto ao indivíduo quanto ao grupo social ao qual ele pertence. Entretanto, trata-se mais da comunidade de origem dos migrantes do que de seus grupos etno-diaspóricos.

Muitos migrantes de Burkina Faso que vivem em Gana, mas não necessariamente todos, sonham em voltar um dia. Eles sentem nostalgia de suas terras ancestrais. Com um forte vínculo emocional com seu país de origem, os migrantes costumam dizer: “(...) Mesmo que eu tenha sido obrigado a sair devido às más condições de vida, ainda tenho meu país de origem em meu coração” (Peressini 1993, 44, tradução nossa¹⁴). Para muitos migrantes, nunca se deve esquecer a origem. Esses migrantes nostálgicos veem Burkina Faso como seu “*ba-yiri*” ou “*faso*”¹⁵. Gana é chamada pelos termos “*weoogo*” ou “*tunga*”, que significam um arbusto ou terra estrangeira. Já em 1965, o embaixador do Alto Volta em Gana observou que: “(...) Muitos deles [imigrantes voltaicos] reivindicam sua nacionalidade original e nunca perdem a esperança de voltar para casa um dia”¹⁶.

Com o projeto de voltar para casa um dia, os homens acham vantajoso casar-se antes de migrar. Eles também optam por voltar para se casar com esposas em sua terra natal. Respeitando essa visão de voltar um dia, eles também preferem se casar com descendentes de migrantes burquinenses que vivem em Gana. Essas estratégias matrimoniais, que visam a evitar o casamento com mulheres ganenses, contribuem para o desejo de retornar um dia. Nas famílias em que tanto o chefe de família quanto a esposa ou esposas são migrantes, geralmente há nostalgia pelo país de origem. Os casamentos intercomunitários, ou seja, aqueles entre imigrantes e nativos ou entre imi-

13 No original: “*it is with dignity that we manage to leave, but it is thanks to courage that we go back home*” (Camara 2018, 13).

14 No original: “*(...) Even if I was obliged to leave due to the bad conditions of life, I still have my country of origin in my heart*” (Peressini 1993, 44).

15 Termos dos idiomas nacionais Moore e Dioula que significam terra natal.

16 D.A.D. M.A.E.C.R., 2A2 MAE78: Relatório n° 9/AG/HV/CONF do embaixador do Alto Volta em Gana para o Ministro das Relações Exteriores do Alto Volta, de 2 de março de 1965. Tradução nossa. No original: “*(...) Many of them [voltaic immigrants] claim their original nationality and never give up hope of going home one day*”.

grantes burquinenses e outros imigrantes, eram frequentemente evitados no passado para não “se perder”. Em outras palavras, para não correr o risco de se prolongar. Assim, as formas como os lares são constituídos influenciam as aspirações de retorno.

As aspirações e decisões de retorno de alguns migrantes às vezes são moldadas por suas responsabilidades dentro do clã ou da família estendida. Tendo se tornado patriarcas, eles não podem se esquivar de suas obrigações como anciãos do clã e devem retornar para assumir suas posições de direito. As necessidades da chefia da terra e o culto associado à terra nas religiões tradicionais africanas são um requisito que justifica a obrigação de alguns migrantes de retornar. O senso de dever ou o medo das consequências de se esquivar do dever motiva aspirações e decisões. Alguns migrantes estavam vivendo alternadamente no país anfitrião e no país de origem¹⁷. Na África, especialmente nas comunidades rurais onde as tradições ainda prevalecem, a responsabilidade de um patriarca de uma linhagem ou chefe legítimo de um cantão ou aldeia não pode ser transferida para outra pessoa. O peso do costume, do “nunca visto antes”, da provável ira dos ancestrais, desencoraja qualquer “usurpação” de status, especialmente de antiguidade. Como resultado, mesmo ao migrar, dentro ou fora do país, o provável detentor legítimo da posição é obrigado a assumi-la. Eles devem então, sem mais delongas, retornar às suas famílias¹⁸.

Sem considerar seu retorno, alguns migrantes tentam influenciar as intenções e resoluções de seus filhos. Condenado a viver definitivamente em Gana devido à sua idade, Amadu repete para seus dois filhos: “Voltem para casa para que não estejamos todos perdidos”¹⁹. Quando bem pensadas, as aspirações e decisões de retorno levam a “um retorno bem planejado, ou seja, um retorno que é considerado para ser realizado no momento apropriado” (Gubry *et al.* 1996, 133, tradução nossa²⁰). Quando a aspiração e a decisão de retornar são individuais, elas acabam sendo embotadas, ou precisam ter uma dimensão familiar antes de serem implementadas, ou envolvem toda ou parte da família mais tarde. Como resultado, a ideia de retornar é mais parecida com um desejo do que com uma intenção real. As restrições socioculturais

17 Esse é o caso de Salifu que, durante o ano, às vezes vive em Effiduasi, no centro de Gana, às vezes em sua aldeia natal, no sul de Burkina Faso.

18 Opiniões compartilhadas de migrantes e repatriados em Gana e Burkina Faso, respectivamente, reunidas durante grupos de discussão.

19 Observações feitas durante uma entrevista em 31 de julho de 2014 em Ho zongo. Tradução nossa. No original: “Go back home so that we are not all lost”.

20 No original: “a well-planned return, i.e. a return that is considered to carry out at the appropriate moment” (Gubry *et al.* 1996, 133).

relegam as esposas a um nível quase insignificante de tomada de decisões. Enquanto as gerações mais antigas de migrantes burquinenses aspiram e decidem retornar, as novas gerações e, especialmente, os descendentes de migrantes estão mais comprometidos com a perspectiva de ficar.

Ficar: o peso da família e a reconstrução da identidade

Para a maioria dos migrantes e descendentes de migrantes de Burkina Faso em Gana, ficar ou partir é a única alternativa. Uma série de fatores relacionados a indivíduos, suas famílias, grupos sociais e contextos socioeconômicos e políticos em Gana e Burkina Faso motivam o desejo e a decisão dos migrantes e seus descendentes de ficar.

Permanecer ou a frustrada “busca por sapatos” entre as gerações mais velhas

“Procurar sapatos”²¹ é uma expressão usada em vários idiomas nacionais em Burkina Faso para ilustrar literalmente o desejo de se despedir dos interlocutores. No contexto específico da migração, essa expressão se refere ao desejo de retornar um dia ao país de partida. Em alguns casos, a “busca por sapatos” expressa um desejo piedoso em vez de um desejo real.

As famílias, às vezes direta ou indiretamente, frustram as aspirações e decisões de retorno de muitos migrantes anteriormente estabelecidos em Gana que, apesar de sua nostalgia por Burkina Faso, não podem voltar. Inusa²², que passou toda a sua vida profissional em Gana, mantendo vínculos com seu país de origem, expressou várias vezes o desejo de voltar. Seu projeto de voltar foi frustrado por seus filhos. Ele diz que é contra sua vontade que ainda vive em Gana: “Meu corpo está em Gana, mas minha mente não está lá, está em casa”²³.

Inicialmente considerada uma migração temporária, algumas migrações perduram apesar das aspirações de retorno. Muitos dos migrantes tinham a intenção de permanecer por alguns meses ou anos: “Estou indo embora amanhã, depois de amanhã, no próximo mês, mas, infelizmente,

²¹ “*Looking for shoes*” no original em inglês.

²² Entrevista realizada em 22 de agosto de 2014 em Sukuumu (região de Brong Ahafo).

²³ Tradução nossa. No original: “*My body is in Ghana but my mind is not there, it’s back home*”.

aqui estou eu de novo”²⁴. Wahabu²⁵, que diz ter vindo a Gana para ficar três meses e comprar uma bicicleta, ainda está morando em Kumasi 60 anos depois. Relutantemente, a maioria dos migrantes diz que ainda está no mato (*wɛoogo*), ou seja, no exterior. Um deles disse, fatalistamente: “Deus ainda não me deu o caminho de volta” ou “Estou procurando meus sapatos”²⁶.

Quando o cônjuge do migrante é nativo, em outras palavras, ganense, o desejo de ficar é muito mais óbvio do que o de voltar. De fato, os cônjuges raramente são envolvidos em visitas a Burkina Faso. Como resultado, elas são mais ou menos condicionadas a desejar ficar em Gana com seus maridos e filhos, e ainda mais após a morte dos chefes de família migrantes.

Com o passar do tempo e o aumento do tamanho da família com o nascimento dos filhos, as famílias dos migrantes veem suas aspirações de retorno serem gradualmente reduzidas. As famílias estão se orientando no país anfitrião e, ao mesmo tempo, seus laços com Burkina Faso estão enfraquecendo. Como resultado, elas se sentem menos capazes de voltar. Dessa forma, as famílias dos migrantes desenvolvem um sentimento de serem menos estrangeiras em Gana do que em Burkina Faso. Como diz um migrante de longa data: “Depois de cinquenta anos aqui, não sou um estrangeiro em Gana, talvez seja em Burkina Faso que eu possa ser um estrangeiro”²⁷.

Portanto, para as pessoas pesquisadas, a decisão de ficar parece mais fácil de ser tomada do que a decisão de voltar. O desejo de tornar a migração reversível, expresso pela ideia de “procurar sapatos”, parece ser traído pelo fato de que nada está sendo feito para implementá-la. Isso dá a impressão de uma vontade fingida em vez de um desejo real.

Ficar: entre a reconstrução da identidade dos migrantes e a escolha óbvia da “tabuuse”

A vida no microcosmo multiétnico dos bairros de Zongo, na metade sul de Gana, leva a mudanças de identidade. Como as áreas de Zongo são

24 Hamidou, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011 em Alaba/Kumasi. Tradução nossa. No original: “*I’m leaving tomorrow, the day after tomorrow, next month, but alas, here I am again*”.

25 Entrevista realizada em 15 de agosto de 2011 em Moshizongo/Kumasi.

26 Observações de Salifu durante uma entrevista em 22 de agosto de 2011 em New Zongo (Saabu Zongo)/Kumasi.

27 Discurso de Mahamudu em Moshie Zongo (Kumasi) em 22 de agosto de 2011. No original: “*After fifty years here, I’m not a foreigner in Ghana, it’s perhaps in Burkina Faso that I can be a foreigner*”.

o lar de uma grande mistura de populações migrantes de diversas origens, várias identidades coexistem, se sobrepõem e se influenciam mutuamente. As características socioculturais do povo Haoussa, que é o grupo majoritário de imigrantes, impuseram sua influência sobre outros imigrantes, especialmente os descendentes de imigrantes. Além da conversão ao islamismo, o idioma hausa e o sistema patronímico, caracterizado pelo uso do primeiro nome do pai no lugar do sobrenome original, estão ajudando a reconstruir a identidade dos migrantes e de seus descendentes. Eles agora estão mais inclinados a permanecer em Gana do que a retornar a Burkina Faso, tão distante, tão diferente e tão pouco conhecida. Isso se reflete nas palavras de um migrante: “Em Gana, eu sou alguma coisa. Então, por que eu deveria ir para onde não sou nada?”²⁸ (Schildkrout 1978, 45).

Os migrantes pós-1969-1971, ou seja, aqueles que não haviam sofrido as expulsões de estrangeiros, estavam cada vez menos inclinados a retornar. Eles consideram que essas expulsões são eventos posteriores que não podem ocorrer novamente. Para todos os efeitos, eles optam pela reconstrução de sua identidade. Essa reconstrução de identidade, especialmente para as gerações mais jovens, envolve a combinação da necessidade de afirmar uma identidade com a solicitação de integração total. Os migrantes adotam a sabedoria africana de que “o verdadeiro país de um indivíduo é onde ele se sente à vontade”²⁹.

Os *tabuuse*³⁰, em outras palavras, os descendentes de migrantes de ambos os sexos, solteiros ou casados, consideram Gana seu lar. Esse país é sua “pátria”, onde eles desejam viver. Isso é justificado pelo fato de que eles se sentem social, econômica, cultural e legalmente bem integrados. Eles veem Burkina Faso como a “terra de seus pais”. Nesse sentido, o país de origem de seus pais não é o deles, e eles não desejam ir morar lá, exceto no contexto específico de visitar ou trabalhar lá. Esse sentimento pode ser observado em quase todos os descendentes de migrantes. Os pais dos migrantes entendem isso. Ele é justificado pela quase ausência de relações entre muitos descendentes de migrantes e Burkina Faso. Pouquíssimos deles já ficaram lá. Eles se consideram totalmente ganenses: “Burkina Faso é a terra do meu pai. Mas eu

28 Tradução nossa. No original: “*In Ghana, I am something. So, why should I go where I am nothing?*”. Observações feitas por Mahamudu em 22 de agosto de 2011 em Moshizongo/Kumasi.

29 Tradução nossa. No original: “*an individual's true country is where he feels at ease*”.

30 Um termo derivado de *moore* (principal idioma nacional de Burkina Faso) que significa literalmente desenraizado.

não sei nada sobre ela. Sou ganense” (Koudougou 2011, 95, tradução nossa³¹). O descendente de migrantes, Hamid, proclama: “Gana primeiro”³². Isso traz à mente a ideia de Amin Maalouf de que: “Eu não tenho várias identidades, tenho apenas uma, composta de todos os elementos que a moldaram, de acordo com uma ‘dosagem’ particular que nunca é a mesma de uma pessoa para outra” (Maalouf 1998, 10, tradução nossa³³).

Muitos migrantes e descendentes de migrantes são reforçados em sua decisão de permanecer em Gana por experiências de estigmatização. Apelidos depreciativos, como “Mestre” ou “garoto de Gana”, fizeram com que se sentissem estrangeiros em seu próprio país, ou mesmo cidadãos de segunda categoria. Em seguida, propagaram a ideia de que Burkina Faso era um país pouco acolhedor para os burquinenses que viviam em Gana. Alguns de seus compatriotas que vivem em Burkina Faso costumam fazer comentários que podem ser percebidos como comentários estigmatizantes em relação aos compatriotas que vivem em Gana³⁴. Entretanto, eles amenizam isso dizendo que a intenção não é ofender sensibilidades, mas apontar diferenças óbvias, como o sotaque³⁵ particular de seus compatriotas de Gana.

Na mente de alguns migrantes que fugiram para a Costa do Ouro durante os tempos difíceis da colonização francesa ou durante períodos de crise alimentar, Burkina Faso continua sendo “um país de restrições, fome e miséria” (Ouedraogo 2017, 147). Portanto, há uma fixação no contexto em que esses migrantes partiram, o que inibe qualquer desejo de retorno. Algumas migrações são o resultado de atos sociais indescritíveis, como banimentos, sequestro de mulheres e roubo de gado. Esse tipo de migrante não tem intenção de voltar. O migrante opta então por “queimar suas embarcações” e não deseja mais voltar (Medam 1993, 61).

De acordo com uma mentalidade comum em Burkina Faso, o fracasso de um projeto migratório e um retorno infrutífero é uma vergonha. Mas “a morte é melhor do que a vergonha”³⁶. Assim, muitos migrantes fra-

31 No original: “*Burkina Faso is my father’s land. But I know nothing about it. I’m Ghanaian*” (Koudougou 2011, 95).

32 Entrevista realizada em 16 de agosto de 2016 em Nima/Accra.

33 No original: “*I do not have several identities, I have only one, made up of all the elements that have shaped it, according to a particular ‘dosage’ that is never the same from one person to the next*” (Maalouf 1998, 10).

34 Augustin, entrevista realizada em 7 de abril de 2018 em Ouagadougou.

35 O estigma decorre do fato de que esses descendentes de migrantes falam os idiomas nacionais com um sotaque que mostra que eles viveram em Gana.

36 Tradução nossa. No original: “*death is better than shame*”.

cassados aspiram e decidem ficar em Gana, mesmo em grande pobreza, em vez de voltar para casa de mãos vazias. Amadu percebe que vir para Gana foi um erro, mas, com vergonha de voltar de mãos vazias, ele só pode pensar em ficar nessa terra de armadilhas para ele³⁷. Essa ideia é compartilhada por Abdulai³⁸, que dissuade os aspirantes a imigrantes de Gana quando diz: “Não vou voltar porque ficarei envergonhado. Se um dos meus irmãos quiser sair de Bilayanga como eu para vir para cá, eu o impedirei de vir”³⁹. Abdul Salam⁴⁰, um migrante que vive em Gana desde 1969, é divorciado e indigente no Ho zongo, e se recusa categoricamente a voltar para casa, mesmo que alguém cumpra todas as condições e venha buscá-lo. Portanto, apesar de estarem em uma situação de fracasso, alguns migrantes acham que sua vida agora é em Gana. Essa concepção de migração leva a considerar a sabedoria africana segundo a qual “quando você dá um salto no fogo, significa que ainda tem outro salto a dar”⁴¹. Os migrantes desiludidos, como Amadu, sentem-se presos e incapazes de dar o “segundo salto”. Tampouco decidem circular, de acordo com a sabedoria Lobi, que afirma que: “Seria tolice um Lobi ficar ou mesmo permanecer em um lugar que só gera incidentes, males ou infortúnios” (Fieloux 1980, III, tradução nossa⁴²). Amadu faz questão de conscientizar os aspirantes a emigrantes: “Eu aconselharia aqueles que querem vir para cá em busca de aventura a ficar e lutar em Burkina Faso. Se fosse possível voltar atrás na vida, eu teria ficado em casa”⁴³.

Conclusão

As motivações que levam às intenções e às decisões de retornar ou permanecer são diversas e variam de acordo com as gerações de migrantes e seus descendentes. A memória das expulsões de estrangeiros em 1969-1971

37 Entrevista realizada em 22 de agosto de 2014 em Moshizongo/Kumasi.

38 Entrevista realizada em 11 de agosto de 2014 em Agbo Kofe (Região de Volta).

39 Tradução nossa. No original: “*I’m not going back because I’ll be ashamed. If one of my brothers wants to leave Bilayanga like me to come here, I’ll prevent him from coming*”.

40 Entrevista realizada em 31 de julho de 2014 em Ho zongo.

41 Tradução nossa. No original: “*when you take one leap into the fire, it means that you still have another leap to take*”.

42 No original: “*It would be foolish for a Lobi to stay or even to linger in a place that only generates incidents, evils or misfortunes*” (Fieloux 1980, III).

43 Observações feitas durante uma entrevista em 31 de julho de 2014 em Ho zongo. Tradução nossa. No original: “*I would advise those who want to come here for adventure to stay and fight in Burkina Faso. If life could be turned back, I would have stayed at home*”.

e o nível de integração legal dos migrantes e seus descendentes influenciam as aspirações e as decisões de retornar ou permanecer em Gana.

As primeiras gerações de migrantes burquinenses, especialmente aquelas que testemunharam a expulsão de estrangeiros em 1969, aspiram mais a voltar para o país, mesmo no crepúsculo de suas vidas, não desejam morrer no exterior. Eles estão de acordo com a lógica da migração vitalícia. Com a concordância de suas famílias, alguns migrantes que têm dúvidas sobre uma estadia pacífica em Gana decidem voltar ao seu país de origem. O peso das famílias leva alguns migrantes das primeiras gerações, e quase todos os migrantes das novas gerações, a considerar o país anfitrião como seu. O nível relativamente bom de integração sociocultural, econômica e legal das famílias desses migrantes os incentiva a almejar permanecer em Gana, seu país anfitrião e até mesmo, em alguns casos, seu país de adoção, nos casos em que seus membros são ganenses naturalizados.

Enquanto as primeiras gerações de migrantes têm aspirações relativamente fortes de retornar, as novas gerações, especialmente os descendentes de migrantes, geralmente aspiram a permanecer em Gana. As primeiras gerações, além de suas aspirações, mais ou menos tomam a decisão de voltar, enquanto as novas gerações decidem ficar. Elas planejam atualizar-se adquirindo uma permissão de residência. Essas são as esperanças mais determinadas de alcançar a integração legal tornando-se ganenses. Com o passar das gerações, os vínculos entre os migrantes e seus descendentes, por um lado, e com Burkina Faso, por outro, se desfazem (os vínculos físicos, escritos e telefônicos com os parentes que moram em casa estão ficando fracos devido à distância ou à morte do primeiro migrante, experiências infelizes de estigmatização, falta de interesse na nacionalidade de Burkina Faso) e as aspirações e decisões de ficar predominam sobre as de voltar. A integração bem-sucedida dos migrantes e de seus descendentes incentiva as aspirações e decisões de permanência.

Este estudo não levou em conta as comunidades em que vivem as famílias dos migrantes e suas comunidades de origem em Burkina Faso. É provável que as opiniões e atitudes dessas comunidades influenciem as intenções e decisões das famílias de migrantes. O estudo das intenções e decisões de voltar ou ficar dá uma ideia, mesmo que vaga, das ações ou inações dos migrantes de Burkina Faso e de seus descendentes para voltar a Gana ou se estabelecer definitivamente no país.

REFERÊNCIAS

- Camara, Karounga. 2018. *Émigration des Africains: Oser le retour*. Torino: Celid.
- Chatelain, Abel. 1963. "Problèmes de méthodes. Les migrations de population". *Revue économique* 14, no. 1: 1-17.
- Domenach, Hervé e Picouet Michel. 1987. "Le caractère de réversibilité dans l'étude de la migration." *Population*, no. 3: 469-483.
- Fieloux, Michele. 1980. *Les sentiers de la nuit: les migrations rurales lobi de la Haute-Volta vers la Côte d'Ivoire*. Paris: ORSTOM.
- Gubry, Patrick et al. 1996. *Le retour au village: Une solution à la crise économique au Cameroun?*. Paris: L'Harmattan, MINREST, IFORD, CEPED.
- Gruenais, Marc-Eric. 1981. *Famille et démographie de la famille en Afrique*. Paris: ORSTOM, Seção de demografia, documento de trabalho no. 12, multigr.
- Koudougou, Saidou. 2011. "La diaspora burkinabè au Ghana et sa descendance: insertion dans la société d'accueil et liens avec le "father's land". Em *Les enjeux autour de la diaspora burkinabè: Burkinabè à l'étranger, étrangers au Burkina*, editado por Zongo Mahamadou. 77-112. Paris: L'Harmattan.
- Maalouf, Amin. 1998. *Les identités meurtrières*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle.
- Medam, Alain. 1993. "Diaspora/Diasporas. Archétype et typologie." *Revue européenne de migrations internationales* 9, no. 1: 59-66.
- Ouedraogo, Serge Noël. 2017. "La migration des Burkinabè (Voltaïques) vers le Ghana (Gold Coast) de 1919 à 2010: Origines, Gouvernance migratoire et Stratégies d'intégration." Tese de doutorado em história africana. Université Ouaga I Joseph Ki-Zerbo.
- Ouedraogo, Serge Noël. 2019. "Le dilemme de la nationalité chez les Burkinabè au Ghana." Em *Se chercher en migration, Expériences burkinabè*, editado por Bredeloup Sylvie, Degorce Alice e Palé Augustin, 77-97. Paris: L'Harmattan.
- Peressini, Mario. 1993. "Référénts et bricolages identitaires. Histoires de vie d'Italo-Montréalais." *Revue européenne de migrations internationales* 9, no. 3: 35-62.
- Rouch, Jean. 1956. "Migrations au Ghana." *Journal de la Société des Africanistes* 26: 33-196.
- Schildkrout, Enid. 2006. "Chieftaincy and emerging identities: establishing legitimacy in immigrant communities in Ghana and the diaspora". Em *Chieftaincy in Ghana, culture, governance and development*, editado por Odotei Irene K. e Awedoba Albert K., 587-601. Sub-saharan Publisher.
- Schildkrout, Enid. 1975. "Economics and kinship in multi-ethnic dwellings". Em *Changing social structure in Ghana: Essays in the comparative sociology of a*

new state and an old tradition, editado por Goody Jacques, 167-179. London: International African Institute.

Schildkrout, Enid. 1978. *People of the zongo, the transformation of ethnic identities in Ghana*, Cambridge: Cambridge University Press.

Skinner, Elliot Percival. 1965. "Labor migration among the Mossi of the Upper Volta." Em *Urbanization and Migration in West Africa*, editado por Kuper Hilda, 60-84. California: University of California Press.

Tonah, Steeve. 2005. *Fulani in Ghana: Migration history, Integration and Resistance*. Acra: Yamens Press Limited.

ENTREVISTAS ORAIS

Abdul Salam. 2014. Entrevista pelo autor, Ho zongo (Gana), 31 de julho.

Abdulai. 2014. Entrevista pelo autor, Agbo Kofe (Região de Volta/Gana), 01 de agosto.

Amadu. 2014. Entrevista pelo autor, Ho zongo (Gana), 31 de julho.

Amadu. 2014. Entrevista pelo autor, Moshizongo/Kumasi, 22 de agosto.

Augustin. 2018. Entrevista pelo autor, Ouagadougou (Burkina Faso), 07 de abril.

Binta. 2014. Entrevista pelo autor, Ho zongo (Gana), 31 de julho.

Hamid. 2016. Entrevista pelo autor, Nima/Acra (Gana), 16 de agosto.

Hamidou. 2011. Entrevista pelo autor, Alaba/Kumasi (Gana), 18 de agosto.

Inusa. 2014. Entrevista pelo autor, Sukuumu (Região de Brong Ahafo/Gana), 22 de agosto.

Mahamudu. 2011. Entrevista pelo autor, Moshizongo/Kumasi (Gana), 22 de agosto.

Salifu. 2011. Entrevista pelo autor, New Zongo (Saabu Zongo)/Kumasi (Gana), 22 de agosto.

Salimata. 2011. Entrevista pelo autor, Alaba/Kumasi (Gana), 13 de agosto.

Wahabu. 2011. Entrevista pelo autor, Moshizongo/Kumasi (Gana), 15 de agosto.

RESUMO

“Ficar, voltar ou mudar-se” é o dilema enfrentado pelos migrantes de Burkina Faso que vivem em Gana. Em contraste com os fluxos de retorno de migrantes e descendentes de migrantes de Burkina Faso que vivem na Costa do Marfim, há poucos fluxos de migração reversa entre Gana e Burkina Faso. Isso é um tanto intrigante. Portanto, este artigo propõe-se a analisar por que, entre a diáspora burquinense que vive em Gana durante os períodos colonial e pós-colonial, a tendência é “ficar” em vez de “voltar”. À primeira vista, isso poderia ser justificado pelo afrouxamento gradual dos

laços dos migrantes com seus parentes em Burkina Faso e sua bem-sucedida integração socioeconômica e legal. A barreira linguística entre o inglês falado em Gana e o francês falado em Burkina Faso poderia explicar a forte propensão dos descendentes de migrantes a ficar. Para identificar as aspirações e decisões dos migrantes e seus descendentes, este estudo baseia-se em recursos bibliográficos e dados empíricos. Foram realizadas principalmente pesquisas qualitativas com pessoas capacitadas em Gana e Burkina Faso. Quer sejam ou não casados com mulheres burquinenses, quer tenham ou não filhos, os migrantes, tanto da antiga quanto da nova geração, e menos ainda seus descendentes, enfrentam um dilema doloroso. As famílias e a reconstrução da identidade são os motivos pelos quais os migrantes permanecem. Em geral, quanto mais integrados os migrantes estão, mais eles desejam e decidem ficar. Como resultado, o desejo e a decisão de retornar se tornam mais raros.

PALAVRAS-CHAVE

Migrantes. Ficar. Voltar.

Recebido em 19 de janeiro de 2024

Aceito em 28 de junho de 2024⁴⁴

Traduzido por Henrique Leal de Moura

44 Como citar: Ouedraogo, Serge Noel e Boubacar Sambare. 2024. "Ficar ou voltar: o dilema cornelianiano da diáspora burquinense em Gana". *Revista Brasileira de Estudos Africanos* 9 (17), 160-177. <https://doi.org/10.22456/2448-3923.138077>.